

UM RETRATO DO JORNALISMO CULTURAL ONLINE NO TOCANTINS

Ana Carolina Costa dos Anjos¹
Anna Karolyne S. Miranda²
Jacqueline Ferreira Fernandes³

Resumo: O artigo apresenta um retrato pontual do Jornalismo Cultural online produzido no Estado do Tocantins. Para tanto, conceitua o jornalismo cultural, enquanto jornalismo especializado em pautas de arte e cultura (no sentido lato), quais são os gêneros e tipos textuais presentes e discorre sobre o processo dentro da formação social do espaço, no caso a última unidade federativa, criada em 1988, Tocantins. Então, se valendo dos pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo, identifica os portais de notícia que possuem editoria de cultura no jornalismo online tocantinense e verifica quais são as pautas, quais as formas e gêneros que utilizam. Por fim, analisa os dados tecendo considerações finais como apontamentos.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Pautas. Conteúdo. Jornalismo Tocantinense Online.

A PORTRAIT OF ONLINE CULTURAL JOURNALISM IN TOCANTINS

Abstract: This paper presents a punctual portrait of Online Cultural Journalism produced in the State of Tocantins, in the northern region of Brazil. For this, it defines cultural journalism, while journalism specializes in art and culture (in the broad sense), which are the genres and textual types present and discusses the process within the social formation of space, in this case the country's youngest state, created in 1988. So, using the methodological assumptions of Content Analysis, it identifies the news portals that have a culture section in online journalism in Tocantins and verifies what the journalistic agenda are, what forms and genres they use. Finally, it analyzes the data making final considerations as notes.

Key words: Cultural Journalism. Guidelines. Content. Tocantin's Online Journalism.

Introdução

O Jornalismo Cultural (JC) é um segmento do jornalismo especializado cuja pauta é a cultura. Entretanto, o próprio discurso midiático presente no jornalismo é um elemento que compõe, constrói e legitima a mesma. Os processos de construção social da cultura se dão ao longo dos séculos. E, como se sabe, o Estado do Tocantins é uma unidade federativa com criação datada de 1988. Dessa forma, discutir o jornalismo cultural em tal circunstância é um desafio do tempo presente que essa pesquisa se propõe.

¹ Mestre em Ciências do Ambiente, graduada em Comunicação Social/Jornalismo, ambos pela UFT, professora substituta no colegiado de Jornalismo da UFT, pós-graduada e professora na Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo (Opaje/UFT). E-mail: carolcdosanjos@gmail.com.

² Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: annaksmiranda@gmail.com.

³ Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: jacqueline1503.f@gmail.com.

O artigo concentra-se no diagnóstico do JC online, a fim de averiguar quantos são os portais de notícia existentes no Estado, quantas editorias de cultura, qual nomenclatura recebem, se há uma regionalização do conteúdo e que tipo de texto é produzido. Ou seja, busca apreender a estrutura e o conteúdo das editorias dos portais de notícia do Tocantins, no período compreendido entre maio de 2016 a maio de 2017. Como metodologia, faz uso de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) e averigua as hipóteses nas considerações finais.

Jornalismo Cultural: O que é, quais são seus gêneros e cenário

A compreensão do que é o JC perpassa diversas classificações. Uma enquadra-se em um tipo de jornalismo especializado. Isto é, dentro de uma perspectiva normativa, o jornalismo especializado possui um tipo de produção, preceitos e técnicas da prática e processos jornalísticos tácitos na e para a produção de textos especializados. Já em uma perspectiva conceitual, o jornalismo especializado é a formulação de um lugar teórico para manifestação da especialização dentro do campo jornalístico.

Tem-se, também, a perspectiva histórica. Nessa, a especialização se dá a partir da associação da evolução dos meios de comunicação e à formação de grupos sociais consumidores de determinado conteúdo. Outras formas de entender a especialização do jornalismo podem ser devido ao meio (impresso, rádio, Tv, internet, mídias sociais), ao conteúdo (esportivo, político, cultural) ou à junção de ambos. Temos, por exemplo, o jornalismo esportivo televisivo ou o jornalismo cultural online (ARAÚJO, 2011; TAVARES, 2009).

A acepção de JC também pode ser percebida como um espaço/seção do discurso midiático destinado à arte ou à cultura ilustrada. Quer dizer, isso acontece quando a mídia aborda/ancora a manifestação e expressão (imediata) do modo de vida de uma sociedade e a reporta para o mesmo corpo social. E, assim, tal fato ocorre dentro de uma lógica⁴ que aborda serviço, produto e crítica.

Dessa forma, o conteúdo e 'produto' desse jornalismo especializado, o JC, é a cultura. Porém, o próprio jornal e o discurso midiático são também elementos que constroem a cultura. Posto que, partindo da premissa de que na sociedade contemporânea pouco escapa ao discurso midiático, e que esse é um elemento imprescindível para a construção social da realidade, o jornalismo constitui-se também como um sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992) e a relação é dialética.

⁴ Essa lógica é explicada, dentre outras formas, por duas teorias do jornalismo a saber: a Newsmaking e a Teoria Organizacional. Ambas falam sobre os processos de fazer notícias a partir de uma empresa de comunicação, como se dão o valor-notícia, os critérios de noticiabilidade, a construção de rotina de produção e apontam para a concepção de que as notícias são construções narrativas da realidade (PENA, 2012; TRAQUINA, 2012; WOLF, 2003).

Assim, nessa cartilha da sociedade capitalista na qual o valor de uso importa quando funciona como valor de troca, ao se tratar de JC a expressão matemática não é simples. Afinal, o produto consumido que está em pauta é a Cultura.

Como diz Souza (2010, p. 11), “pesquisar sobre cultura é como tentar segurar o ar que inspiramos”. Isto é, “o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008, p. 5). Na modernidade, “os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos” (THOMPSON, 2008, p. 20). Têm-se, assim, no JC, a ancoragem dessas teias. E vemos que o próprio JC é uma roda de fiar um sistema de significados.

Perante essas linhas, percebe-se que falar sobre JC é adentrar a um campo extremamente complexo. Mas, ao mesmo tempo, a elucubração pode ser prazerosa. Afinal, como já dito, a pauta é a cultura, realidade de um povo e suas manifestações artísticas em um espaço de tempo.

As peculiaridades da pauta do JC requerem que sua tessitura também se faça assumindo as discrepâncias do conteúdo. Ou seja, há gêneros tácitos para esse fazer jornalístico. Assim, recorreremos a algumas classificações de gêneros textuais do jornalismo para melhor delinear nosso objeto de estudo, no caso as produções do JC online no Tocantins, entre maio de 2016 e maio de 2017.

Uma classificação que pode ser feita é que o jornalismo se divide em: Jornalismo Informativo (cujo foco é a informação, o interesse é saber o que se passa); Opinativo (o qual busca saber o que se pensa sobre o que se passa); e também o Interpretativo (em que o interesse é saber a análise que se faz sobre o que se passa) (ASSIS, 2008; MARQUES DE MELO, 2003). Dentro dessa classificação, o gênero jornalístico mais utilizado no JC, por via de regra, é o Opinativo.

O jornalismo opinativo, segundo José Marques de Melo (2003), é produzido nos seguintes gêneros textuais: Editorial; Comentário; Artigo; Resenha; Coluna; Crônica; Caricatura e Ensaio.

A partir dessa síntese sobre o fazer do JC, especificamente neste artigo, buscamos identificar quais portais de notícias têm editoria de cultura no jornalismo online Tocantinense e o sobre o que têm falado. Isto é, nos interessa quais são as pautas, quais as formas e gêneros que utilizam.

Porém, antes é preciso apresentar o espaço: Tocantins e o seu jornalismo. Posto que espaço – palco para ações – não é um sujeito passivo. Afinal, há uma dicotômica relação na qual o homem é um produtor de espacialidades e, de igual maneira, um produto do próprio espaço. Sendo assim, recebe valorizações e características por seus atributos funcionais, estruturais e afetivos (LEFEBVRE, 2008).

O Jornalismo Cultural no Tocantins

O Estado do Tocantins fora inventado⁵ no dia 05 de outubro de 1988. A promulgação da Constituição Federal, no artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição, cria o Estado do Tocantins e o incorpora à região Norte. A região antes pertencia ao antigo norte-goiano.

Até a década de 1970, devido à falta de energia elétrica em boa parte dos 60 municípios⁶, entre outros fatores, pouco havia de desenvolvimento de produção jornalística. Isso no que tange a quantidade e periodicidade de veículos midiáticos. Diante do exposto vale destacar que, a relação Espaço-território e discurso midiático teve início no século XIX e fora de extrema importância para o(s) movimento(s) separatista(s)⁷.

Um marco histórico para o desenvolvimento do JC no Estado do Tocantins se dá no final da década de 1970 e durante todo o decênio de 1980, dentro do último processo do “Discurso Autonomista do Tocantins” (CAVALCANTE, 2003). Esse representou também um período de efervescência jornalística, no qual foram abertos, entre os anos de 1975 a 1986, doze veículos de imprensa sediados no território que compreende o Estado atualmente. Tais veículos, impulsionados pelo momento político, tinham como uma das pautas frequentes a apresentação das diferenças culturais do antigo norte-goiano do centro-sul do Goiás (RODRIGUES, 2008; SILVA, 2003).

A produção jornalística que ocorreu no Estado do Tocantins durante o último momento da formação do discurso separatista⁸ tinha dois intuitos: primeiro, o de reivindicar a criação do

⁵ A utilização do termo ‘invenção’ junto ao de ‘criação’ para falar do Estado do Tocantins é arbitrária e tem a finalidade de sinalizar o aporte teórico escolhido, o qual se ancora nas ideias de Ernest Hobsbawm (1917 – 2012) e Terence Osborn Ranger (1929), expressas na obra *A invenção das tradições* (2012).

⁶ Até a criação do Estado do Tocantins, havia 60 municípios na região. Na data de criação outros 19 foram criados e em 1997 outros. Atualmente, o Tocantins é formado por 139 municípios. Vale destacar que essa unidade federativa possui um dos menores municípios do Brasil, no caso Oliveira de Fátima, com cerca de 1.100 habitantes e 206 Km², segundo censo do IBGE de 2014.

⁷ Um estudo mais aprofundado sobre a representação e relação do discurso midiático com a formação do Estado do Tocantins pode ser encontrado na tese de Jean Carlos (2008), *Estado do Tocantins: Política e Religião na construção do espaço de representação tocaninense* e, mais especificamente, sobre a imprensa e a literatura em: Representações da Identidade do Tocantins na literatura e na imprensa (1989 – 2002), de Ana Elisete Motter (2010).

⁸ A produção acadêmica acerca da formação do Estado do Tocantins ainda está se consolidando. São poucas as obras que se dedicam exclusivamente ao Tocantins. Dessa maneira, tomamos como referência a historiografia de Maria do Espírito Santo Cavalcante (2003), o Discurso Autonomista do Tocantins. Nesse, o processo de formação se dá em três momentos, a saber no século XIX, entre 1809 - 1823, com a nomeação de Joaquim Theotônio Segurado (1775 – 1831), como ouvidor da Comarca do Norte. Porém, após o processo de independência do Brasil, em 1822, há a proibição de dois governos em uma mesma comarca. Assim, o território volta a pertencer ao Goiás. O segundo movimento, por sua vez, se deu entre as décadas 1940 e 1960, com a criação da rota aérea que integra o Norte com Centro-Sul do Goiás e, com o lançamento do Movimento Pró-Criação do Estado do Tocantins. Tal acontecimento levou cerca de 500 pessoas às ruas de Porto Nacional pedindo a separação do estado. Entretanto, com a instauração da ditadura militar no Brasil entre 1964 - 1984, o movimento perde força. Já o terceiro movimento separatista, com início em 1981, teve a criação da Comissão de Estudos do Norte Goiano (Conorte). Como consequência, apresentou diversas negociações políticas na Comissão de Redivisão Territorial e Política Demográfica, na Câmara, propondo a criação de novos estados no Brasil. Por fim, com a Constituição Federal de 1988, cria-se o Estado do Tocantins.

Estado do Tocantins; e, o segundo, uma vez criado, era preciso apresentar o Tocantins aos tocaninenses.

Nessa linha de interpretação, podemos afirmar que era necessário apresentar aos tocaninenses elementos identitários que o diferenciasssem do goiano, como um dos caminhos para se alcançar o apoio popular a esta questão. A invenção de símbolos e representações como a bandeira, o hino, a poesia e literatura tocaninenses, entre outros, foram fundamentais nesse processo. (RODRIGUES, 2008, p.38)

Pelo exposto, os elementos identitários foram apresentados aos tocaninenses utilizando, dentre outras maneiras, os veículos midiáticos locais. Nesse contexto, o discurso midiático não é apenas um suporte, todavia um dispositivo, segundo as novas orientações da semiologia dos discursos sociais (FACCIN, 2008). Ou seja, a produção jornalística se faz portadora de uma voz coletiva (de certo grupo) e, dessa maneira, constitui-se também como um sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992).

Assim, nos primeiros anos do Estado do Tocantins, há uma eclosão de vários veículos midiáticos, os quais passam a narrar a construção da nova unidade federativa e de sua capital, Palmas (uma cidade com sua origem no nada). Nesse contexto, pode-se inferir que os meios de comunicação de massa foram (e são) um elemento, não apenas constituinte de uma realidade, mas um lócus que ancorou(a) discursos e deu(á) subsídio para construção de memórias. Isto é, são “lugares de memória” (ENNE, 2004; NORA, 1988;). Memórias essas que se têm raras sistematizações, tornando difícil não apenas o acesso, mas, também, a pesquisa, no caso do Tocantins.

Em relação ao Jornalismo online⁹ tocaninense, o mesmo teve início em Palmas, em 2001. O primeiro foi portal de notícias O Girassol, com proposta semelhante, embora retardatária ao que aconteceu no Brasil, isto é, o primeiro momento tratava-se de uma transposição do conteúdo dos jornais impressos para o meio digital, momento denominado web 1.0 (ver quadro 2).

⁹ Como não é o intuito deste artigo, não adentrarmos as discussões conceituais acerca da produção jornalísticas produzida a partir de recursos eletrônicos e digitais. Todavia, para delinear, o jornalismo online é entendido, nesse estudo, como a utilização da *World Wide Wibe*, criada por Tim Bernes Lee, no início dos anos 1990. Ou seja, um suporte que ancora textos que possuem características tácitas a saber: interatividade; customização de conteúdo; hipertextualidade; multimidialidade/convergência; interatividade e memória (MIELNICZUK, 2003).

Quadro 1: Primeiros Jornais Online do Tocantins

Veículo	Ano/Década de criação
<i>Conexão Tocantins</i>	2007
<i>G.1</i>	2013
<i>Jornal Folha Capital</i>	2014
<i>O Girassol</i>	2001
<i>Portal Cleber Toledo</i>	2005
<i>T.1(antigo Roberta Tum)</i>	2009
<i>Gazeta do Cerrado</i>	2015
<i>TOcult</i>	2015
<i>O Girassol</i>	2005
<i>Jornal do Tocantins</i>	2007
<i>Jornal Stylo</i>	2008

Fonte: Org.: Anjos (2016)¹⁰

No atual decênio (2010-2020) é que o estado do Tocantins transita do jornalismo web 1.0 para o web 2.0, no qual há possibilidade de interação. Segundo Bressan (2007, p. 2), “em linhas gerais, *Web 2.0* diria respeito a uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet”. Assim, possibilita o compartilhamento, a interação mais rápida e é bidirecional. Além disso, pode ser acessado por diversas pessoas a partir de localidades diferentes.

Uma vez situado a formação do espaço e uma breve narrativa cronológica dos veículos do mesmo, mergulhemos no objeto de estudo: a busca por um retrato do JC online no Estado do Tocantins.

Percurso Metodológico e Análise: Um retrato do Jornalismo Cultural online no Tocantins

O levantamento realizado foi feito inicialmente como produto da disciplina de Jornalismo Regional, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em

¹⁰ O quadro fora publicado a primeira vez na Exposição “História do Jornalismo: construindo comunicação e jornalismo no Estado do Tocantins”, lançada no evento “Formação em Comunicação, Jornalismo e Educação: práticas, saberes e novos olhares”, produzida por Anjos (2016).

agosto de 2016¹¹. A partir dos dados aferidos, surgiu o desejo de aprofundar seu estudo como um possível reflexo de uma realidade, tanto do jornalismo regional, como também do jornalismo especializado em cultura.

Para a produção deste artigo, empreendemos uma atualização do levantamento, em maio de 2017¹². Fizemos uma ampla pesquisa, recorrendo aos guias de mídia online (s/d), pesquisa entre jornalistas da região, ao Mapa da Mídia no Tocantins¹³ (2015) e também foram encontrados alguns dos portais de notícias por meio de buscas no Google com uso de “palavras-chave” (nome das cidades combinadas com palavras como “jornal”, “notícia” etc.).

Assim, foram catalogados cinquenta portais de notícias online no Estado do Tocantins. Posteriormente, verificamos a presença ou não de uma editoria dedicada e/ou relacionada à Cultura e à Arte. Uma vez delimitado o universo, buscamos averiguar o que essas editorias de cultura apresentavam como pauta, ou seja, qual era o foco em termos de coberturas regionais e/ou nacionais. Para tal, foram utilizadas as três últimas notícias para análise. A escolha se deu devido ao descompasso do fluxo de publicações nos portais de menor porte, sobretudo as localizadas em cidades do interior do estado. Foi a partir dessa leitura e análise, na qual o ‘regional’ compreende fatos e assuntos que se articulam diretamente com o Estado, é que obtivemos os dados utilizados para reflexão do presente artigo.

Como aporte metodológico, a pesquisa fundamenta-se na Análise de Conteúdo (AC). Essa é compreendida como um conjunto de técnicas adotadas para a análise das comunicações, de modo que visa “obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 42). Uma vez delineado os procedimentos metodológicos, no próximo subtítulo apresentamos os resultados e a discussão.

Do que fala o Jornalismo Cultural online Tocantinense: Um retrato

No Estado do Tocantins, conforme levantamento, existem 50 portais de notícias distribuídos em 17 cidades¹⁴. Sua centralidade coincide com os índices de desenvolvimento

¹¹ No caso, por Anna Karolyne S. Miranda.

¹² Após a atualização do levantamento foram observadas alterações inexpressivas.

¹³ O site é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O Mapa é uma das ações do projeto “A mídia regional na era online - estudo e mapeamento dos veículos de comunicação no estado do Tocantins”, que começou em 2015 (MAPA DA MÍDIA NO TOCANTINS, 2015).

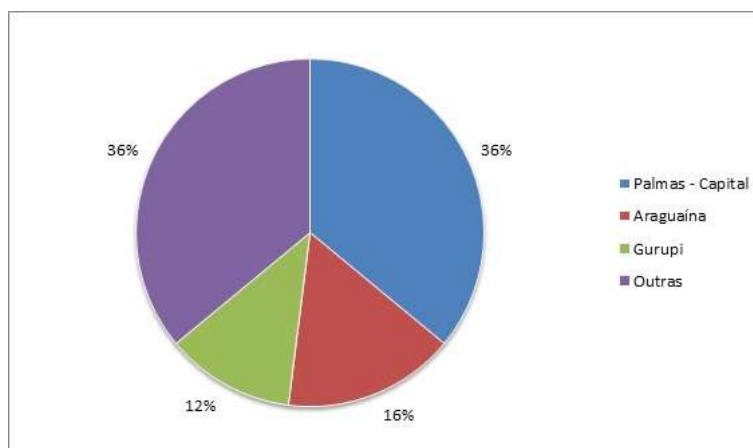
¹⁴ Vale destacar que o Tocantins possui, desde 1997, 139 municípios. Os portais de notícias pertencem as cidades Alvorada do Tocantins (1); Araguaína (8); Araguatins (1); Augustinópolis (1); Colinas do Tocantins (1); Dianópolis (2); Goiatins (1); Guarai (1); Gurupi (6); Lizarda (1); Miracema do Tocantins (2); Palmas (18); Palmeirópolis (1); Paraíso do Tocantins (2); Pedro Afonso (2); Porto Nacional (2); Tocantinópolis (2).

socioeconômico e populacional. A capital, Palmas, sedia 18 portais de notícias (36% do universo), seguida de Araguaína com 8 (16%) e Gurupi com 6 (12%).

Já em relação à existência de uma editoria de cultura/entretenimento/agenda cultural, nossa amostra, dentro desse universo de 50 portais de notícia, aponta para a existência de 31 editorias, 62%. Um número relevante, em se tratando do jornalismo online no Estado do Tocantins. Isto porque, além do processo de formação de identidade cultural que está se consolidando, há ainda a formação de público para eventos culturais¹⁵ e da profissionalização dos produtores culturais¹⁶.

Sobre a distribuição dos portais que possuem editoria específica de cultura por cidades no Estado do Tocantins, o Gráfico 01 demonstra que há uma centralidade em Palmas. 12 dos 18 portais de notícia, 67% dos da capital, possuem uma editoria específica. Assim, as outras 19 editorias estão distribuídas em 12 cidades¹⁷, com destaque novamente para Araguaína (relação de 8 portais e 5 com editorias específicas) e Gurupi (6 portais e 4 editorias específicas). Na sequência, temos as cidades Dianópolis, Miracema do Tocantins, Paraíso do Tocantins e Tocantinópolis, as quais possuem dois portais de notícia e um de cada cidade possui uma editoria de cultura.

Gráfico 1: Portais de notícia por cidade



Fonte: Elaboração das autoras.

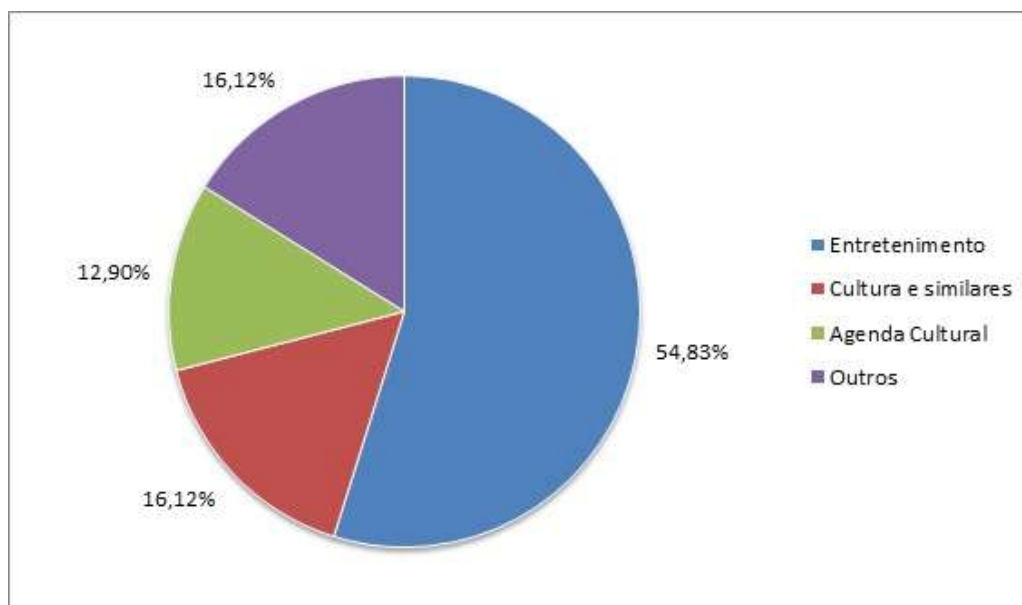
Em relação à regionalização das pautas contidas na amostra, a pesquisa aponta para regionalização de 60% do conteúdo, frente a 23% de conteúdo descrito como mistas e 17% nacional.

Outro dado relevante é a relação entre tipos de editorias as quais enquadrámos nas nomenclaturas: cultura; entretenimento; agenda cultural e outros, organizados no Gráfico 02.

¹⁵ Uma discussão sobre o assunto pode ser encontrado em Anjos (2010; 2012).

¹⁶ Um estudo sobre o assunto pode ser encontrado na monografia da jornalista Lorena Dias de Souza (2014), cujo título é Jornalismo em Tempos de Profissões Líquidas: O jornalista em produções culturais.

¹⁷ As cidades de Alvorada do Tocantins; Augustinópolis; Goiatins e Tocantinópolis não possuem editorias específicas para cultura.

Gráfico 2: Nomenclatura das editorias

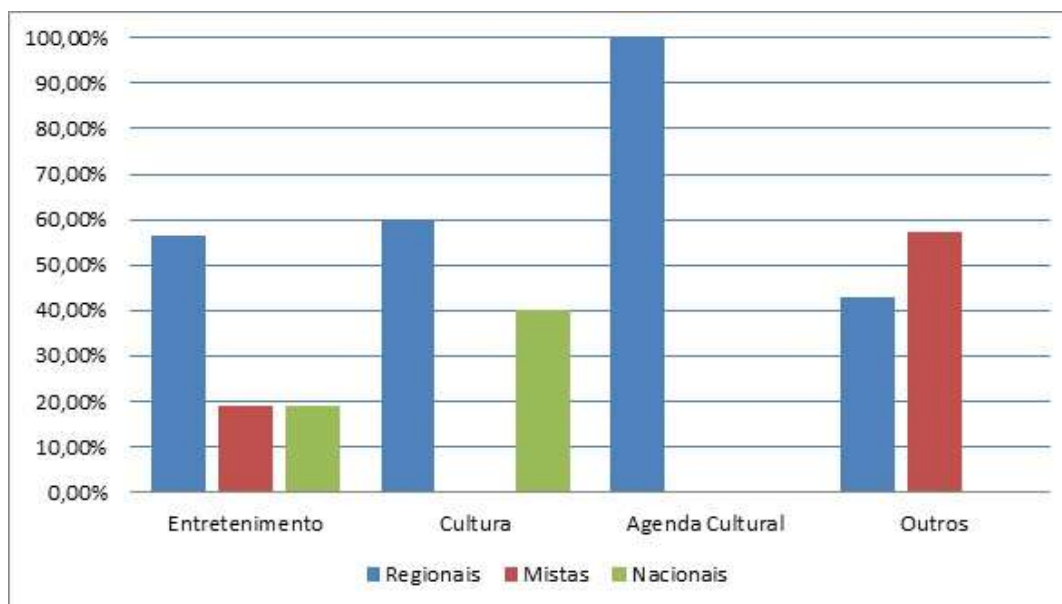
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Perante o exposto, a quantidade de editorias que se enquadram dentro de entretenimento (55%) permite-nos diversas inferências. Dentre tais, o esvaziamento simbólico do JC, no jornalismo online Tocantinense, cujo foco não são as peculiaridades da vida do povo tocantinense, isto é, seus saberes e fazeres tácitos.

Ainda dentro dessa perspectiva, cruzamos os dados de nomenclatura de editorias a regionalização das pautas de cada uma. Sintetizamos as informações no Gráfico 03, o qual apresenta que há nas nomenclaturas de Entretenimento: 60% o conteúdo é regional; 20% mista e 20% nacional. Já na editoria que recebe a nomenclatura de Cultura (ou algum em alusão produção cultural), são 60% das matérias com pautas regionais, enquanto 40% são nacionais. Em Agenda Cultural, todas as matérias são regionais (100%), o que condiz com sua característica. Por exemplo, não há sentido em produzir um texto de serviço sobre um evento cultural que acontecerá em São Paulo para população tocantinense. A proximidade é um valor-notícia, pois possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural (PERUZZO, 2005).

Retomando o fato da Agenda Cultural da amostra possuir todas as pautas regionais, vale destacar que, pode ocorrer, em casos pontuais – show ou presença de autoridades e celebridades internacionais e/ou eventos tenham repercussão nacional, por exemplo, um show da cantora pop Beyoncé ou a presença da pesquisadora Angela Davis em algum evento no Brasil – que pautem a Agenda Cultural de diversas editorias por todo o país.

Por fim, as editorias que recebem classificações diversas ‘Outras’ – que não se enquadram nas anteriores – as pautas são 60% mistas e 40% regionais. Não há pauta nacional.

Gráfico 3: Tipos de pauta por editoria

Fonte: Elaboração das autoras

Em relação ao tipo de texto, as produções podem, em sua maioria, ser enquadradas no gênero informativo e seguem o padrão da tipologia de jornalismo de serviço. Esse tipo de produção textual jornalística tem o enfoque de apresentar o leitor respostas às perguntas “O quê? Quem? Quando? Onde? Porque? Como?”. No caso do JC apresenta-se ainda o valor da entrada do evento cultural.

Não encontramos nas editorias de cultura e/ou agenda texto do gênero opinativo e ou interpretativo. Dessa maneira, em todas as editorias, o gênero predominante – durante o período da amostra¹⁸ - é de Serviço. O fato de apresentar apenas serviços no lugar de memória, o JC (discurso midiático como um todo) apenas diz o que há de produção cultural em um lugar – o que não é, necessariamente, a produção cultural do lugar, podendo ser apenas o espaço um lugar de circula da cultura ilustrada de outro estado. Isto é, não é possível apreender, dentro do universo da pesquisa, a cultura tocantinense, no sentido lato, sendo esse um diagnóstico, um retrato preliminar do JC online no Estado do Tocantins.

Considerações Finais

Discutir o JC online no Estado do Tocantins é adentrar um campo em formação. Conclui-se isso até pela própria característica do JC. Essa passa pela migração de seu lócus histórico (impresso para o digital) e, assim, transforma-se, não somente pelo suporte, mas pela

¹⁸ Lembrando que para compor a amostra de 31 editorias foram analisadas as três últimas matérias devido a não periodicidade dos portais de notícia, sobretudo do interior. Para um retrato representativo da realidade seria interessante uma nova pesquisa cujo foco fosse justamente esse.

linguagem e possibilidades que esse meio possibilita. Retoma-se, nesse ponto, as complexas frases McLuhanianas, a exemplo: 'o meio é a mensagem'.

Além dessa questão, que é de nível mundial, há o local, ou seja, a influência do recém-processo de (trans)formação do Estado do Tocantins em uma unidade federativa autônoma. O estado está a construir uma identidade cultural, tecendo discursos oficiais e oficializantes com os populares, a fim de formar uma memória e um imaginário social¹⁹.

Somamos ainda a tudo isso a formação acadêmica de jornalistas. São três as Instituições de Ensino Superior com curso de jornalismo a saber: a Universidade Federal do Tocantins (UFT), cujo curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo tem início em 1996; a faculdade ULBRA (localizada em Palmas), que teve curso de jornalismo entre os anos de 2002 e 2016; e a faculdade UNIRG (localizada em Gurupi). Com isso, percebe-se que há pouca formação acadêmica dos profissionais que atuam no Tocantins.

Outro fator é que própria disciplina de JC é facultativa. Na UFT, embora esteja desde 1996 na grade curricular, fora ofertada poucas vezes, especificamente 4 vezes nos últimos 9 anos, por exemplo. Dessa maneira, há um déficit quanto a formação de jornalistas que produzam um textos tácitos dos gêneros de JC²⁰. Porém, estas são algumas das hipóteses preliminares sobre o perfil traçado neste artigo sobre o JC online produzido no Tocantins, cuja predominância se enquadra na nomenclatura entretenimento, com conteúdo regional e tipologia textual jornalismo de serviço.

Referências

ARAÚJO, M. M. **Comunicação, Língua e Discurso**: Uma análise terminológica discursiva de um dicionário de especialidade. 288f. 2011. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.

ASSIS, F. Gêneros e Formatos do Jornalismo Cultural: Vestígios na revista Bravo!. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, set., 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0421-1.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5. Ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAVALCANTE, M. do E. S. R. **O Discurso Autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2003.

ENNE, A. L. S.. Memória, Identidade e Imprensa em uma Perspectiva Relacional. In: **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**. Rio Grande do Sul, v.6, n.2, p.101-116, jul.-dez., 2004. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6594/3702>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

¹⁹ Mais informações sobre esse processo podem ser encontradas na obra do Girassol ao Capim Dourado: Apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins (ANJOS, 2017).

²⁰ Uma pesquisa monográfica sobre o assunto, cujos dados não foram significativamente modificados, pode ser conferido em Sobrinho (2006); Anjos (2012).

- FACCIN, M.J. Jornais Gaúchos: Operações de sentido da identidade regional. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008. **Anais eletrônicos**. Natal, 2008. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2043-1.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2017.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1. Ed., 13. Reimp., Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. (org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 2. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LANDOWSKI, E. **A Sociedade Refletida**. São Paulo: Pontes, 1992.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. Ed., Campos de Jordão, RJ: Editora Mantiqueira, 2003.
- MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando Alguns Conhecimentos sobre Jornalismo na Web**. In: MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.
- NORA, P. O Retorno do Fato. In: Le Goff, Jacques; Nora, Pierre. In: **Revista História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.179-193.
- PENA, F.. **Teorias do Jornalismo**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PERUZZO, C. M. K. Mídia Regional e Local: Aspectos conceituais e tendências. In **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem., 2005. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/view/196/154. Acesso em 17 maio 2017.
- RODRIGUES, Jean Carlos. **Estado do Tocantins: Política e religião na construção do espaço de representação tocaninense**. 2008. 148f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2008. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp077828.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.
- SILVA, O. B. **História da Imprensa no Tocantins**. S/E [O ESTADO DO TOCANTINS]; Palmas, 2003.
- SOBRINHO, L. M. G. **Modos de Dizer e de Fazer no Jornalismo Cultural: Uma análise do caderno Arte & Vida do Jornal do Tocantins**. 2006. 97f. Monografia (Comunicação Social – Jornalismo) Fundação Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2006.
- SOUZA, A. A. de. Debates Sobre Cultura, Cultura Popular, Cultura Erudita e Cultura de Massa. In **Anais**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande(PB), jun., 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1573-1.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2017.
- TAVARES, F. M. B. O Jornalismo Especializado e a Especialização Periodística. **Revista Comunicação Midiática**, v. 5, p. 115-133, 2009. Disponível em: < <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>. Acesso em 25 maio 2017.
- THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. v.1., 3 Ed., São Paulo: Contexto, 2012.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa**. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Leitura Crítica).

Sites consultados

GUIA DE MÍDIA. **Tocantins**. Disponível em: <<http://www.guiademidia.com.br>>. Acesso em 15 maio 2017.

MAPA DA MÍDIA NO TOCANTINS. Disponível em: <<http://www.midiatocantins.com.br/p/sobre-o-site.html>>. Acesso em 15 maio 2017.